

**A casa e o exílio: história, trabalho e imigração na literatura\***

*Hogar y exilio: historia, trabajo e inmigración en la literatura*

*Home and Exile: history, labor and immigration in literature*

*Antonio de Pádua Bosi\*\**

<https://orcid.org/0000-0002-0733-1780>

*Aparecida Darc de Souza\*\*\**

<https://orcid.org/0000-0003-2425-9052>

RESUMO: Este artigo propõe uma abordagem histórica sobre imigração a partir da literatura, especificamente das obras *Adeus, Haiti*, de Edwidge Danticat, e *Garota, Traduzida*, de Jean Kowok. O principal argumento explora experiências de imigrantes relativas (i) às razões da saída, (ii) às expectativas e frustrações vividas, (iii) aos mecanismos institucionais e informais da acolhida e (iv) à imigração visualizada como sentimentos, particularmente, a formação da família e de outras sociabilidades. A tentativa de problematização desse tema se desdobra da compreensão de que a literatura, inspirada em experiências históricas vividas, como é o presente caso, possibilita a reflexão no campo da História à medida que é também um documento e uma intervenção interessada na realidade. Teoria e método consideraram tais características de modo a interrogar, analisar e explorar *Adeus, Haiti* e *Garota, Traduzida* a partir de perspectivas identificadas nas autoras e dos pontos que compuseram o roteiro da pesquisa, anteriormente numerados. Por fim, esperamos que

---

\* Este artigo é resultado parcial da pesquisa “Trabalho e Imigração: história comparada de trabalhadores imigrantes no Brasil, Estados Unidos e Portugal”, vinculada ao Acordo de Cooperação entre o Laboratório de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais (Universidade Estadual do Oeste do Paraná) e o “Labor Studies and Employment Relations of School of Management and Labor Relations, RUTGERS - The State University of New Jersey”.

\*\* Professor de História nos cursos de graduação e no Programa de Pós-graduação em História na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: antonio\_bosi@hotmail.com.

\*\*\* Professora de História nos cursos de graduação e no Programa de Pós-graduação em História na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Agradecemos a Steve Lawton, presidente do “Communications Workers of America, Local 1102”, departamento local “Central Labor Council – AFL/CIO”, e professor do Empire State College, New York, pela documentação cedida. E-mail: aparecidadarc Souza@hotmail.com.

os resultados mais tangíveis animem a inserção da História nas expressivas migrações recentes cuja importância tem sido contada pelos migrantes em narrativas trágicas e dramáticas, mais do que em formatos épicos e exitosos.

Palavras-chave: Imigração. Edwidge Danticat. Jean Kowok.

ABSTRACT: This paper proposes a historical approach to immigration regarding literature, particularly *Brother, I am Dying*, by Edwidge Danticat, and *Girl, Translated*, by Jean Kowok. The main argument explores immigrants' experiences regarding (i) the reasons for leaving (ii) the expectations and frustrations experienced, (iii) the institutional and informal mechanisms of reception and (iv) the immigration seen as feelings, particularly the formation of the family and other sociabilities. We understand that this theme has been related to the idea that literature is inspired by historical experiences, as is the case here. This has made possible a reflection on History because literature is also a document and an intervention interested in reality. Theory and method have considered these characteristics in order to interrogate, analyze and explore *Brother, I'm dying* and *Girl, Translated* from the perspectives identified in the authors and from the points that made up the research script. Finally, I hope that the results will encourage the insertion of history in the expressive recent migrations whose importance have been reported by migrants in tragic and dramatic narratives, rather than in epic and successful formats.

Keywords: Immigration. Edwidge Danticat. Jean Kowok.

RESUMEN: El propósito de este artículo es abordar históricamente la inmigración en las obras *Brother, I am Dying*, de Edwidge Danticat, y *Girl, Translated*, de Jean Kowok. Nuestra hipótesis explora las experiencias de los inmigrantes en relación con las razones de la partida de los migrantes, las expectativas y frustraciones experimentadas, los mecanismos institucionales e informales de recepción y la inmigración percibida como sentimientos, particularmente la formación de la familia y otras sociedades. Creemos que la literatura inspirada en experiencias históricas nos permite discutir la historia porque la literatura también es un documento y una intervención interesada en la realidad. La teoría y el método consideraron estas características para interrogar, analizar y explorar *Brother, I am Dying* y *Girl, Translated*, desde las perspectivas identificadas en los autores y los puntos que formaron el guión de investigación. Finalmente, esperamos que la inserción de la historia en el tema de las migraciones recientes los anime, cuya importancia ha sido contada por los inmigrantes en narraciones principalmente trágicas y dramáticas.

Palabras clave: Inmigración. Edwidge Danticat. Jean Kowok.

---

### Como citar este artigo:

Bosi, Antonio de Pádua; Souza, Aparecida Darc de. “A casa e o exílio: história, trabalho e imigração na literatura”. *Locus: Revista de História*, 27, n.1 (2021): 272-292.

\*\*\*

### O problema

Há quase 30 anos, cerca de 20 mil albaneses atravessaram o mar Adriático em direção à Itália na condição de refugiados. Eles fizeram isso amontoados no Vlora, navio que retornou de Cuba carregado de açúcar. Ancorado no porto de Durrës, Albânia, o capitão do Vlora, Halim Milaqi, foi rendido pelos 20 mil albaneses que subiram a bordo e rumaram para Lampedusa, na Itália. A mídia que noticiou o fato deixou claro que a fuga em massa se deveu ao abandono do regime comunista em colapso, mas raramente citou outros aspectos dessa emigração peculiar, um quase êxodo. Famílias separadas, afetos distanciados, o sabor do desterro, a experiência da migração conjugada com pobreza e a discriminação étnica e política ficaram do lado de fora de sua pauta. Talvez por serem refugiados. A imaginação de quem soube do acontecido à distância e com pouca ou nenhuma informação ficou marcada pela força estética das imagens que ocuparam canais de televisão, jornais e redes sociais no planeta, e de fato havia razões para isso.



Fig.1: Vittorio Arcieri, 1991, *Transatlântico Vlora*.

[http://ansabrazil.com.br/brasil/noticias/italia/noticias/2016/03/08/Foto-usada-como-simbolo-refugiados-faz-25-anos\\_8962192.html](http://ansabrazil.com.br/brasil/noticias/italia/noticias/2016/03/08/Foto-usada-como-simbolo-refugiados-faz-25-anos_8962192.html)

O escritor Juan Goytisolo iniciou seu romance *A saga dos Marx*, publicado em 1993, com uma leitura desse evento tão cômica quanto trágica. Ele mostrou aqueles albaneses desembarcando do navio na Itália, em uma praia de veraneio onde só havia italianos que podiam pagar por ela. Ansiosos por chegar aos Estados Unidos, os albaneses se acossavam uns nos outros dentro e fora

---

no Vlora para alcançar o chão do país mais capitalista do planeta. A cena imaginada pelo autor (inspirada em fotos do desembarque do Vlora em 1991) exibiu albaneses e italianos com expectativas inteiramente diversas naquele episódio. Os primeiros esperavam acolhimento, segurança. Os segundos viram naquele desembarque uma verdadeira barbárie que os ameaçava e, em um ato contínuo, acionaram a polícia com o objetivo de removê-los pela força. Nesse inusitado encontro, Goytisolo sublinhou sutilmente a impossibilidade de uma identidade europeia que abrigasse nacionalidades e etnias pobres. “Os italianos se perguntavam quem seriam aqueles indivíduos grosseiros e brancos, gesticulantes, alucinantes, que, com insuspeita energia, remavam e convergiam para a praia? Alguém soltou um grito de alarme. Os albaneses!!” (Goytisolo 1996, 15).

A grande imprensa agiu de modo conservador ao mostrar o drama vivido pelos passageiros do Vlora como um fato bizarro, grotesco e desesperado. Essa também foi uma das principais imagens utilizadas para anunciar o colapso do regime comunista na Albânia. Geralmente ela foi acompanhada de abordagens pejorativas do comunismo que tentavam explicar aquela aparente insanidade, embarcada aos milhares, como uma oportunidade única em meio à abertura política e à crise econômica sem precedentes naquele país. E as leituras alternativas feitas pelo amplo campo da esquerda não conseguiram oferecer uma visão que fosse dos albaneses sobre eles mesmos e que explicasse a sua presença na costa italiana naquelas condições. Por esse motivo, a pequena e problematizadora introdução do romance de Goytisolo sobre este evento histórico abriu espaço para pensar a migração na perspectiva de quem emigra. Sua visão capta uma disposição do imigrante para receber e se adaptar a uma cultura da qual se tem apenas um grosso esboço, nada mais que imagem idealizada e disseminada como positiva.

Não obstante, o processo migratório se traduz também como uma complexa relação de estranhamento. Esse ponto de vista de Goytisolo é parcial, mas instigante para pensar como os imigrantes pensam a si mesmos e os lugares para onde vão. Do mesmo modo, por esse motivo, o encontro entre albaneses e italianos em 1991 foi imaginado por Goytisolo como um desencontro de expectativas. Os primeiros avançaram para a praia felizes, certos de terem chegado ao estado do Texas, EUA. Com sorrisos e um inglês mímico cumprimentavam os “americanos” em terreno capitalista que achavam serem seus anfitriões. De outro lado, os italianos, paralisados e estarecidos, observavam aquela avalanche de corpos caindo, saltando do Vlora e nadando como podiam para a praia, tentando abordá-los, ora de joelhos, ora com abraços. Deram-se conta que eram albaneses. Aquela gente foi vista com desprezo. Por isso, ela requeria a polícia, e foi ela que apareceu para recolher os migrantes.

---

A narrativa sobre a migração na parte inicial de *A saga dos Marx* permite colocar em perspectiva as dimensões contraditórias de um processo de grandes proporções na atualidade, e esse é um importante aspecto da literatura que pode interessar e auxiliar a História. A ONU divulgou aumento de 51 milhões de imigrantes no período de 2010 a 2019. Percentualmente, os imigrantes representaram 3,5% da população global em 2019. Em 2000, eles representavam 2,8%. A tendência projetada pela ONU é ascendente (United Nations 2019). Se a tais estatísticas somarmos as migrações inter-regionais e interestaduais de países onde seria possível mensurá-las (desconsiderando contas demográficas sobre migração bruta e líquida), o resultado encontrado mostraria em percentuais algo que já é constatado a nossa volta e que inclinamos a naturalizar: o fato de que famílias de trabalhadores migram o tempo todo.

Uma noção provisória sobre a distinção entre migração e refugiado ajuda a esclarecer, ao menos teoricamente, algumas das principais razões que motivam pessoas a se deslocarem de seus países. A condição de refugiado pode ser exemplificada com o evento protagonizado pelos albaneses, dramatizado por Goytisolo. Pessoas e famílias inteiras fogem, ou tentam escapar, de perseguições devido a sua etnia, crença religiosa, posicionamento político enfim, migram porque são vítimas de práticas de discriminação e criminalização. Aqueles denominados de migrantes basicamente buscam trabalho (Priore 1979). Trata-se de uma noção razoavelmente aceita no campo da história, embora seja provisória e imperfeita igual a tantas outras.

Reconhecida a importância da migração como uma questão social e histórica da atualidade, é preciso pensar articuladamente algumas das distâncias que existem entre o estudo da realidade vivida e a narrativa do escritor sobre tal realidade. Rigorosamente, o historiador escreve sobre o que aconteceu, e ao escritor é permitido escrever sobre o que poderia ter acontecido; tal distinção é feita desde Aristóteles no século IV a.C. (Aristóteles 1991, 256). Pelo menos, no que concerne às narrativas que pretendem ser igualmente intervenções na realidade, é possível estabelecer um diálogo com a História, haja vista que essas narrativas permanecem, de modo recorrente, como fontes históricas analisadas e, às vezes, abrem-se como narrativas alternativas a certos problemas e direções levantados pela historiografia. Nesse caso, sob o domínio metodológico da História, esse tipo de narrativa literária - exemplificada com Goytisolo e discutida aqui a partir dos livros *Adeus, Haiti*, de Edwidge Danticat, e *Garota, Traduzida*, de Jean Kwon -, pode ser avaliado tanto em termos de experiência social quanto hipótese para pesquisas. Ainda sobre isso, uma última observação vem de Georges Luckács, que não via na linguagem dos romances sociais algo que por si só inviabilizasse seu potencial de ensaio sobre a realidade. Esse tipo de arte abordava e apreendia a vida sob suas próprias regras e habilidades, mas podia (e deveria) carregar alguma força crítica capaz de empreender novos enfoques acerca do vivido ou de um problema já posto, recusando-se a fazer

---

---

meras cópias da realidade (Lukács 1966). Exatamente nesse sentido, Goytisolo pautou dilemas da migração nos anos 90 do século passado em linhas tragicômicas, servindo-se de um elenco de suporte bastante óbvio: ricos e pobres (Goytisolo 1996). Migrantes trabalhadores seriam de fato pessoas submissas, desinformadas e passivas, como os albaneses que Goytisolo fez subir ao palco para criar, pelo riso e pelo ridículo, um crescente sentimento de desconforto diante da miséria humana? Ou esse juízo crítico teria a função de provocar entendimentos colaterais contrários ao ordenamento social, político e econômico que tornava inteiramente inferiores e ilegais os albaneses?

Sobre isso, no plano da pesquisa social, Paul Collier propõe tratar a migração na atualidade a partir de três experiências sociais, dentre as quais as duas primeiras interessam de perto este artigo: (i) a dos próprios imigrantes; (ii) a de pessoas deixadas para trás nos países de origem daqueles que emigram; e (iii) a de pessoas que já residem nos países para onde os imigrantes vão (Collier 2013.) Nesse caso, fugas iguais as dos albaneses (informada pela imprensa ou imaginada por Goytisolo) podem ser lidas também, na proposição de Collier, como “unidades morais importantes e legítimas” (Collier 2013, 25), o que implica não resumir deslocamentos humanos a convulsões sem propósitos, a apegos exclusivos e irrefletidos ao sonho americano, nem a explicações (muitas vezes deterministas) como fluxos demográficos ou diásporas motivadas por guerras, crises econômicas etc. No campo historiográfico, Edward Thompson deixou aberta importante porta para entender esse componente histórico da experiência humana. Sua argumentação considerou que as “ações dos homens são ações humanas e suas próprias vontades não são puramente animais, mas são necessidades humanas, isto é, físicas, morais e intelectuais” (Thompson 1957, 130), e que a pesquisa em História perderia perspectivas da realidade se operasse com o descarte da moral, da ideologia, dos desejos humanos e dos sentimentos. É preciso pensar que desejos, vontades e lutas sociais têm razões e alcances que transbordam essas fronteiras.

É a partir desse argumento que uma abordagem da História pode ser mais eficiente no exame da imigração. Romances como *Adens, Haiti e Garota, Traduzida* são intervenções interessadas na história da migração, estruturadas em narrativas que expressam experiências pessoais, sociais e políticas do tempo presente. Por esse motivo, eles se constituem chaves para compreensão da realidade histórica. Podem levantar relevantes problemas a respeito de economia e sociedade, falar de dilemas culturais ou tentar incursões em zonas interessantes para a História, nominadas por Bloch de “as necessidades secretas do coração” (Bloch 2002, 133). *Adens, Haiti*, da haitiana Edwidge Danticat, e *Garota, Traduzida*, da chinesa Jean Kwok, abordam experiências de imigrantes relativas (i) às razões da saída, (ii) às expectativas e frustrações vividas, (iii) aos mecanismos

---

institucionais e informais da acolhida e (iv) à imigração visualizada como sentimentos, particularmente a formação da família e de outras sociabilidades.

Em síntese, o problema que orienta este artigo está no reconhecimento da migração como tema relevante do tempo presente, na literatura como material de pesquisa (nesse caso, centrado nas experiências dos sujeitos envolvidos nas histórias de migração) e no exame de narrativas de personagens que possam ser representativos do mundo real, principalmente porque tais personagens de ficção habitualmente permitem ser examinados em seu percurso afetivo. Tais aspectos são, portanto, chaves de análise promissoras, e seria um descuido não considerá-las assim.

### Uma família, dois países

Só estou escrevendo isto porque eles não puderam. (Danticat 2010, 31).

Edwidge Danticat é uma escritora engajada que denuncia, por meio da literatura, a situação dos imigrantes refugiados, particularmente os haitianos. Tem publicado textos curtos e livros a respeito da condição de ser um estranho em uma terra estranha. Para isso, sente que é preciso ir além da pesquisa em livros. Ela pensa que o escritor tem que mergulhar na cultura alheia e aprender as linguagens que o tornam capaz de compreender as experiências suficientemente para conseguir contar uma história (The Brooklyn Review 2018). Esse posicionamento não é uma novidade na historiografia, mas é isso que ela tenta fazer, olhar “de dentro”.

Esse engajamento implica pesquisa e comprometimento real, com pessoas reais e dramas reais. O que Edwidge faz torna seu trabalho de escritora uma plataforma de denúncia da discriminação de migrantes e refugiados, notoriamente os haitianos que vão para os Estados Unidos. Também por esse motivo ela produz o encontro entre seus sentimentos e uma pesquisa que lida com relatos de testemunhas oculares, documentos, relatórios diversos (Nações Unidas etc.), políticas públicas e sua própria observação direta, de modo a tecê-los encarando-os como fontes de primeira mão cujo resultado são textos “artisticamente desenhados e altamente diferenciados de sua vida no Haiti e nos Estados Unidos” (Bennett 2008, 2). Esses podem ser considerados uma linguagem eficiente aos seus propósitos, uma vez que a finalidade parece ser o de colocar a situação de haitianos em todos os radares possíveis. É uma agenda objetiva de trabalho.

*Irmão, Eu estou morrendo*, título original de *Adeus, Haiti*, é parte desse esforço. É uma intervenção da autora em um passado recente que mostra a relação de dois irmãos, seu pai e seu tio, separados pela distância, mas unidos pelo afeto. Trata-se de uma autobiografia cujo núcleo principal é esse afeto, dado estruturante na experiência da família e de Edwidge. Seu pai, Mira, vai para os Estados Unidos quando ela tinha quatro anos, em 1974, e o tio, Joseph, que fica no Haiti, cuida dela e do irmão enquanto Mira reúne condições para buscá-los. A mãe vai em seguida. Ambos

estavam inseguros no Haiti. A violência política é uma ameaça constante que se soma à desordem econômica. A solução encontrada foi sair do país, mas a escolha pelos Estados Unidos também é uma ironia do capitalismo. É exatamente o imperialismo operado direta e indiretamente pelos Estados Unidos que apoiou historicamente ações responsáveis pela miséria econômica e insolvência financeira cujos efeitos que tanto pesam nas vidas dos haitianos são componentes da pressão que trabalhadores como Mira e Denise sentem e justificam seu quase exílio. Afinal, seria essa uma política global, a de motivar trabalhadores a trafegarem de posições subalternas no Haiti para posições subalternas na América. Contraditoriamente, é ali que Mira e Denise depositam suas esperanças.

Na história do Haiti a emigração tem sido determinada estruturalmente pela pobreza. Todas as vezes que a acumulação de capital remodela as relações de trabalho, de modo a prejudicar os trabalhadores, parte desta população avalia a saída do país como alternativa para fugir às pressões econômicas e sociais. Quando isto acontece pessoas na condição dos pais de Edwidge ponderam a respeito de partir ou ficar. Nesse contexto, emigrar pode parecer uma ação avulsa, mas é, antes de tudo, uma experiência social comum que delimita a vida de muitos haitianos que figuram nos registros de diversos países na condição de refugiados ou imigrantes: eles esperam conseguir um emprego e criar estratégias que os ajudem a sobreviver em contextos culturais diferentes aos seus costumes, práticas crenças. É desse modo que a presença de pessoas como os pais de Edwidge entra em nosso campo de visão, como expressão da imigração e da busca por trabalho noutro país. Aliás, no caso do Haiti se trata de uma experiência histórica de pobreza desde o século XV, na condição de colônia, constituído a partir de tráfico de humano quando milhares de africanos foram escravizados e usados na produção de café, açúcar, algodão e índigo onde hoje é o Haiti (James 2010).

Mira e Denise são parte dessa generalidade que pode ser lida como um ponto bem aceito para uma teoria da migração. Com o visto conseguido devido a um filho nascido na América, eles retornam ao Haiti para buscar Edwidge, que tinha 12 anos, e o irmão. Joseph, vinculado à Igreja Batista, permanece no Haiti empreendendo ações para proteger e fortalecer os jovens. Manter uma escola é uma delas. Para isso, enfrenta duríssimos contextos históricos hoje conhecidos nos livros didáticos e nas experiências dos mais velhos, como a ditadura de François Duvalier (Papa Doc), de 1957 a 1971, seguido pelo filho Jean-Claude Duvalier (Baby Doc), que governou de 1971 até 1986, ambos escorados em milícias denominadas “tonton-macoutes” (bichos-papões), e as consequências do terremoto de 2010. Por sua vez, Mira vê relativizada sua expectativa de viver nos Estados Unidos. Os empregos são ruins e o trabalho é sempre intenso. Conclui que não terá patrão e economiza para comprar um táxi. Ele adoce lentamente com todos os cigarros que fuma ao

---

longo da vida. Morre de câncer, pouco depois de seu irmão. Duas vidas, duas mortes. Uma casa, um exílio. Essa é uma chave analítica importante.

Onde foi que eles se desencontraram? É uma pergunta comum, embora complexa, feita por familiares separados pela distância do desterro. Trata-se de um custo da imigração difícil de mensurar. Edwidge sabe disso. Como encerrar experiências e trajetórias se ainda não há cicatrizes fechando-as? Parte de uma resposta está em um dos elos essenciais dessa cadeia de recordações que formou sua memória para o livro. A despedida do tio representou a irreparável separação de um pai. “Só me lembro de desejar, quando voamos pelas nuvens, que meu tio tivesse chorando uma torrente de lágrimas, se atirado no chão e feito uma cena, proibindo-nos de partir.” Continua Edwidge: “Ele teria soltado, com a sua antiga voz, a repentina revelação de que na verdade eu era sua filha, e que não podia viver sem mim.” (Danticat 2010, 97). Não se fez silêncio desse ressentimento, nem com o tio, nem com o pai. Em síntese cortante, ela explica: “Estava me entregando não apenas a um país e a uma bandeira, mas a uma família da qual nunca tinha sido parte” (Danticat 2010, 95).

Uma contabilidade líquida, dispondo Mira e Joseph em duas colunas, não apontaria a vida de um haitiano na América melhor do que no Haiti. Mira trabalhou mais do que imaginou ser necessário para participar do sonho americano. Entretanto, seu visto permanente não lhe deu a acolhida que muitos imigrantes geralmente esperam: o sucesso financeiro. Dirigiu seu táxi até poucos dias antes da morte. De seu lado, Joseph manteve-se no Haiti ativamente envolvido em frentes sobre educação de jovens, por meio da escola batista que dirigia, além de práticas cotidianas de ajuda à comunidade. Assim, conseguiu conservar intactos seus laços e sociabilidades com os moradores de “Bel Air”, o bairro mais violento e pobre de Porto Príncipe. Era um compromisso difícil de sustentar, mas, de qualquer maneira que se olhe para isso, parte inestimável dos afetos do tio estava nos Estados Unidos, para onde ele viajava com regularidade.

Esse trânsito encontra poucos paralelos no conjunto das experiências de haitianos que emigram. Há outros tipos de relação que ligam parentes e amigos separados pela migração. Quando os laços se mantêm, se expressam em transferências financeiras. Em 2017, essa espécie de transferência foi responsável por 29,2% do PIB do Haiti (World Bank 2018). Em 2009, os valores corresponderam a 21,2%, e, em 2007, antes do terremoto, o índice foi de 18,2% (Corbin 2012). Em 2007, aproximadamente 45% das residências haitianas tinham um membro da família vivendo no exterior (Jadotte 2009). Dois anos antes, 31% das famílias com parentes emigrados recebiam em média 150 dólares mensais enviados por algum familiar residente nos Estados Unidos (Orozco 2006).

Parte desse cálculo deriva de dívidas de viagem. O pagamento decorre de confiança e, em alguns casos, da expectativa de que as transferências bancárias possam saldar o empréstimo e, talvez, financiar nova viagem de um parente ou amigo. Geralmente não é uma operação voltada ao lucro. O crédito concedido se assenta também no afeto. Ao mesmo tempo, há histórias de abandonos no contexto da imigração, de litígios sobre a guarda dos filhos, ou de desaparecimento de pessoas tentando imigrar. É possível que Edwidge tenha se sentido, em algum momento, abandonada. Cada uma dessas situações implica perdas ainda pouco ou nada consideradas como variáveis pelos órgãos nacionais e transnacionais ligados aos direitos de imigrar. Anualmente, milhares de pessoas morrem ou desaparecem tentando atravessar fronteiras sem documentação. Na Europa, a entrada por Lampedusa representa 25% dos quase 1,5 milhões de pessoas que chegaram no período de 2012 a 2016 e 85% das mortes ocorridas na rota do Mediterrâneo (Missing Mediterranean 2016, 5).

As percepções dos que vão e dos que ficam ficam têm pontos em comum. A escolha normalmente é para que as coisas melhorem lá e cá. Assim, pessoas na condição de Mira e Denise endereçam parcela de seus rendimentos para o país de origem, para seus filhos e pessoas como Joseph, que resistem ao exílio ou sequer o cogitam, vivem como podem e acreditam que o país irá prosperar. Ambos não cortam seus laços com o Haiti, nem mesmo no momento do luto. Mira argumenta que Joseph não deveria estar nos Estados Unidos, em visita, muito menos ter morrido lá. Velando o corpo do irmão, enterrado em um cemitério no Queens, em Nova York, Mira lamenta: “Ele não deveria estar aqui [...]. Se nosso país algum dia tivesse uma chance e permitissem que fosse uma nação como qualquer outra, nenhum de nós viveria aqui.” (Danticat 2010, 212-213). Quem fala é um haitiano exilado, inconformado com a distância que moldou sua relação com o irmão.

O tio ocupa boa parte do livro de Edwidge. Ela conta que ele nasceu e viveu no campo até mudar-se para Porto Príncipe, na década de 1940, buscando progredir na vida. O golpe de François Duvalier, em 1957, tirou-lhe as expectativas na política sem, contudo, fracassar sua vocação como pastor batista. Se tornou o líder da comunidade e diretor da escola, e se esforçou para manter a família em torno de si. O contexto de sua morte, narrado por Edwidge, decorre da deposição do presidente eleito Jean-Bertrand Aristide, sob pressão dos Estados Unidos (com fornecimento de armas e treinamento dos “rebeldes” haitianos). A situação de Joseph desestabiliza ao ponto precisar lidar com ameaças de morte, o que o faz viajar para os Estados Unidos e tentar o exílio temporário junto ao irmão. O ano é 2004, primeiro mandato de George W. Bush. A legislação para imigrantes vinha sendo endurecida. A pressão do governo colocava em suspeição desembarques legais e temporários no país até serem convertidos em ilegais. Joseph se vê nessa circunstância quando sai

---

do Haiti, ameaçado e extorquido por uma gangue local. Sua escola ficou destruída e a comunidade desorganizada pelo golpe operado contra Aristide. A presença das forças da ONU, por meio da Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (MINUSTAH), liderada pelo Brasil, incapaz de receber uma reclamação sobre as ameaças sofridas por Joseph, deixa dúvidas a respeito de si. Edwidge se pergunta: “Não estavam ali para acabar com a guerra?”.

Ao chegar aos Estados Unidos pelo aeroporto internacional de Miami, Joseph é detido por funcionários do Departamento de Proteção da Fronteira (U.S. Customs and Border Protection – CBP). No interrogatório, responde que precisa de “asilo temporário”. Houve um excesso de verdade na declaração. Ele não precisava se identificar como refugiado porque seu visto lhe garantia 30 dias no país. A polícia de fronteira o enviou para o Centro de Detenção de Krome, Flórida. Lá confiscaram seus remédios. Seu estado de saúde deteriorou-se rapidamente e seu corpo não aguentou a abstinência da medicação. Durante uma convulsão, Joseph ficou imerso em vômito e urina, com o aparelho de voz emporcalhado e o corpo inerte. Edwidge reconstituiu a cena com relatos que ouviu, principalmente do primo Maxo, filho de Joseph. Algo ainda mais bárbaro estava por vir. O médico que o atendeu, depois de passados dez minutos daquele colapso, diagnosticou “fingimento”. Insistiu nisso até igualar-se ao perigo das gangues que expulsaram Joseph de Porto Príncipe. “Ele não está cooperando – disse o médico. [...] Seus olhos estão abertos e ele não está inconsciente – acrescentou. – Ainda acho que ele está fingindo, mas o levaremos para a clínica”. Ele foi transferido para um Hospital na Flórida. No registro de entrada consta que Joseph, 81 anos, foi entregue com os pés acorrentados. Morreu lá. Provavelmente a recusa de tratamento, tirou a sua vida (Danticat 2010, 176-201).

Aparentemente Joseph recorreu aos Estados Unidos pressionado pela situação do Haiti, uma insegurança que não sentira ao longo de duas ditaduras e golpes. Havia lá uma ilusão de proteção informada pela MINUSTAH. Em tese, Joseph buscou salvar-se com a família no país responsável pelo estado de guerra instalado no Haiti (Seguy 2014). As tropas da ONU, lideradas pelo general brasileiro Augusto Heleno, levaram a cabo uma estratégia para deter o líder popular Dread Wilme, resultando no disparo de 22 mil balas na favela de Porto Príncipe em uma desastrosa operação que durou sete horas e executou cerca de 60 civis, incluindo crianças e mulheres (O Sul 2019). É provável também que Joseph procurasse por Edwidge. Ela conta que o tio havia viajado para lá mais de 30 vezes. Para muitos imigrantes, a família continua sendo sua casa, independentemente de onde esteja. De qualquer modo, a narrativa de Edwidge sugere que os Estados Unidos e o Haiti não são inteiramente bons nem maus. Para sua família e para si própria, a América foi uma paragem salvadora tanto quanto algoz (Austen 2014, 46). O que fustigou a

---

tolerância de Mira também levou Joseph ao seu limite. A diferença entre ambos foi o ponto de ebulição de cada um.

Sobre isso, é importante ressaltar atos de resistência de imigrantes materializados na formação de associações que representam seus interesses de modo a reivindicar um lugar nos Estados Unidos. Experiências que apontam para a construção de uma identidade que comporte esse tipo de contradição, entre ser uma paragem salvadora e um lugar algoz, têm funcionado à medida que criam alternativas reforçando e generalizando direitos de cidadania, como aconteceu em Staten Island no lançamento da *Declaração de Direitos*, um documento reafirmando a igualdade dos moradores quanto às oportunidades de emprego, à proteção da lei, à qualidade do transporte público dentre outros pontos (Bascome 2017). Também relevantes são as práticas supostamente inermes como agregar-se em Igrejas com trajetórias culturais formadas pela presença de imigrantes, tal qual o caso de duas paróquias da Igreja Católica em New York e Miami dispostas a recebê-los (McAlister 1998; Rey 2009). Todavia, fatos como esses confirmam o hiato configurado nas vidas de imigrantes como Edwidge, cuja existência se faz também de uma parte de si que está no Haiti, na memória partilhada com o tio, algo difícil de reconciliar com o tempo presente vivido na hora de elaborar a narrativa.

### Procurando o sonho americano

Irmãzinha, agora você deve chamar a menina pelo nome americano: Kimberly. É muito importante ela ter o nome mais americano possível. Senão, as pessoas vão pensar que vocês acabaram de descer do barco! (Kwok 2011, 13).

Jean Kwok nasceu em Hong Kong. Mudou-se com a família para os Estados Unidos quando tinha cinco anos de idade. Gastaram todo dinheiro para viajar. O primeiro emprego dos pais foi em uma fábrica de roupas onde a exploração do trabalho era intensa. Alugaram uma casa no Brooklyn caindo aos pedaços e infestada de baratas e ratos. Foi alfabetizada em inglês e se formou em Letras e Literatura, em Harvard. *Garota, Traduzida* é seu primeiro romance, definido como semiautobiográfico. Jean empresta sua trajetória à pequena Kimberly, protagonista nesse livro.

A experiência de morar em condições precárias, trabalhar em situação de extrema exploração, sem qualquer direito trabalhista, e sentir-se estranha em todos os lugares e relações, especialmente na escola, moldou o foco de Jean sobre a imigração. Sua visão no livro se equilibra na certeza de que “as histórias que nós contamos são sempre divididas em quem você é, se nós escolhemos abraçar nosso passado ou escapar dele.” (Cardo 2011, 3). Nesse caso, Jean propõe mostrar em que situações imigrantes se sentem sozinhos.

Nessa perspectiva, a experiência de Jean, projetada na jovem Kimberly, geralmente não se afasta da realidade vivida por chineses que emigraram. Entre 1840 e 1940, 20 milhões de chineses deixaram a China, cruzaram oceanos e viveram noutros lugares. Formam um dos maiores êxodos durante o capitalismo. Chegaram aos Estados Unidos para tentar melhor sorte, embora conseguissem, na maioria dos casos, ocupações precárias cujo exercício os nativos recusavam. Trabalharam principalmente como mineiros, empregados domésticos, trabalhadores rurais e construtores de ferrovias (Chan 2014). Os sindicatos os acusavam de responsáveis pelos baixos salários e pelas condições degradantes de trabalho. E de fato o medo e o sentimento de desamparo dos chineses eram usados como meio para comprimir salários e tornavam aceitáveis condições impróprias para o trabalho. Sem o domínio da língua, entrosamento com os costumes locais e inteiramente expropriados, seu poder de barganha era quase nulo.

Esse quadro pode ser comparado à narrativa estruturada por Jean sobre mãe e filha recém-chegadas em New York, o principal destino dos Chineses nos últimos 60 anos. Em números brutos, aportaram na América 366 mil em 1980, 677 mil em 1990, 1.192 mil em 2000 e 2.455 mil em 2018. Jean, pai, mãe e três irmãos vieram antes, no começo da década de 1970, mas não tiveram fortuna diferente daqueles que fizeram um corredor para a América a contar do século XIX.

No livro, Kimberly e Chang, sua mãe, chegam a New York nos anos 2000, década que registros oficiais indicam a emigração de mais de um milhão de chineses. Quando alguém, na condição socioeconômica de Chang, decide emigrar, faz isso acreditando honestamente que sua situação conhecerá progressos que são improváveis se ficasse na China. Essa lógica opera com relativa simplicidade no imaginário dos migrantes, mas não só por isso. Quando as gerações atingem idade de sofrer e sentem seus sonhos se tornarem cada vez menos uma expressão da realidade, a migração pode aparecer como um tipo de expectativa legível. Esse foi também o caso de Chang, preocupada em abrir horizontes para sua filha, emigrar implicou ainda contrair uma dívida financeira e moral com a irmã que havia emigrado anos atrás. Casada e empregada em uma fábrica de roupas, a tia de Kimberly impõem regras para protegê-las.

Chang consegue uma vaga na fábrica para a irmã e uma casa de aluguel para elas. É um casebre sem calefação. Tudo parece desabar. Em toda a vizinhança, aquela é a pior moradia. Reprisando o primeiro lugar onde Jean morou, a casa de Kimberly é infestada por ratos e baratas. O aquecimento é improvisado a partir do calor do fogão. Ficamos sabendo que a maior parte de trabalhadores imigrantes se vê em situação semelhante. É um traço da globalização do capital e do trabalho livre bastante documentado na historiografia que se alinha às vilas e aos bairros operários existentes desde o século XIX, nos quais trabalhadores, como a mãe de Kimberly, eram estrangidos a habitar casas em mau estado, insalubres, sem aquecimento, sem ventilação, haja

---

vista que não podiam pagar o aluguel de outra melhor. E disso o capital, igualmente ao investido na fábrica de roupas em que Kimberly e sua mãe trabalham, diminui os custos com a força de trabalho.

Kimberly e a mãe se veem aprisionadas nesse ponto. A dívida com a tia é financeira e moral, e a cultura trazida da China não orienta a desobediência à irmã mais velha. O medo de estarem em um mundo desconhecido sela esse quadro. No livro, há um repertório de pequenos e grandes detalhes que inspiram pavor nas duas: a casa, as baratas, os ratos, o frio, o fogão que estraga, o dinheiro regrado, a longa jornada na fábrica, o uso de Kimberly como trabalho adicional. Tudo isso constitui uma rotina difícil de ser desmontada. São problemas reais vividos por trabalhadores imigrantes em New York há tempos. Nessa região do Brooklyn (provavelmente uma das mais pobres, Bedford-Stuyvesant), os locatários se desfaziam das casas para construção de novos edifícios, o que lá se conhece por *gentrification*, quando a população pobre é expulsa devido à valorização do lugar causada por nova dinâmica imobiliária, de moradores com renda muito superior. Um morador desacomodado com isso diz a Kimberly: “Acabou. Não há mais esperança. O governo vai construir imensos complexos de edifícios. Todos os prédios neste quarteirão e no quarteirão da frente vão ser demolidos.” Continua: “Ninguém vai ficar aqui esperando ser despejado. Este navio está afundando.” (Kwok 2011, 67).

“Comemos de pé e o mais depressa possível, para terminarmos o trabalho dentro da programação. Na primeira noite, saímos da fábrica nove horas. Mais tarde, descobri que isto era considerado cedo.” (Kwok 2011, 31). Essa é uma das principais características que Kimberly destaca no cotidiano dividido com a mãe. Na condição de narradora onisciente, Kimberly denuncia a presença de crianças na fábrica. Trabalhavam ilegalmente (por óbvio sem contrato). Como os empregados eram pagos por peça (algo também ilegal), a prole fazia a diferença no salário. A descrição que faz do processo de trabalho é detalhada. “Minha especialidade era a embalagem. Era a tarefa mais desgastante fisicamente, mas aprendi a executá-la com rapidez.”. Ela continua: “Tínhamos de pegar uma roupa no lado direito, pendurá-la no cabide, [...] abrir um saco plástico e ensacar o item. Depois, era preciso separar o saco plástico dos outros sacos no rolo. Finalmente, retirávamos a roupa do lado direito e a pendurávamos no lado esquerdo.” Se o saco rasgasse, começava tudo novamente. No acabamento, ela “pendurava, classificava, cintava, abotoava e rotulava cada item. Por todo esse trabalho, recebíamos um centavo e meio de dólar por saia, dois centavos por uma calça com cinto e um centavo por qualquer peça da parte superior do corpo.” (Kwok 2011, 128-129). Em média, as duas recebiam dois dólares por hora. Se tomarmos o ano de 2000 como referência, o valor mínimo da hora para esse tipo de ocupação era de 12 dólares. Mal dava para sobreviver, mesmo para elas, de vida tão frugal.

---

A educação e os costumes do lugar também não estavam ao alcance deles ou não estavam facilmente disponíveis. Chang tem consciência dessa situação e acredita que a única saída é Kimberly estudar para cavar uma rota de fuga e mudar sua vida, mas nada disso é descomplicado. “Quando você é uma garota, especialmente quando você é imigrante, não se adapta de forma alguma. Você não tem as roupas certas, você não tem o corte de cabelo certo, você tem que ser bonita, você tem que ser muitas coisas.” (Licad 2010). É uma experiência vivida por Jean. Chang entende que o trabalho – o seu em especial – não é uma chave para melhorar a situação da família e, por isso também, ela aposta tudo na educação da filha.

Nesse caso, parece ter sido uma expectativa de Jean que se cumpriu, e ela ressalta isso no livro. Seu acesso à Universidade de Yale, em pedido omitido da tia Paula, é exibido como uma conquista ímpar, apesar das barreiras culturais e da vigilância opressora da tia que surta um instante seguinte à notícia da conquista de uma bolsa para universidade. Do ponto de vista da tia, a irmã e a sobrinha estavam sendo ingratas. Kimberly não deveria ter se inscrito para Yale sem a sua permissão, afinal moravam em um apartamento e trabalhavam em um emprego que a tia havia conseguido para as duas. “Você não pode ir para Yale! Eu não autorizo!”. Esse despotismo é funcional na narrativa e Jean construiu um diálogo libertador para Kimberly, em grande parte, baseado nele. Ambas haviam alugado outro apartamento no Queens e se despediam do Brooklyn. Espanto, raiva e ressentimento tomaram conta da tia e, no final de um longo capítulo da vida de Kimberly, ela o resume assim: “Você devia se envergonhar por ter deixado a gente naquele apartamento todos esses anos. E por nos fazer trabalhar aqui nessas condições.” (Kwok 2010, 207).

Entretanto, cabe ponderação. Historicamente, estudos e estatísticas sobre imigrantes e filhos de imigrantes na América não indicam que Kimberly seja um padrão. É certo que o percentual de imigrantes com 25 anos de idade ou mais, com graduação completa ou mais, tem crescido nos últimos 30 anos (Lu, Hou 2019). Em 2016, o percentual foi de aproximadamente 17,2%. A Ásia atingiu aproximadamente 80% (a China com 52%) e o México registrou 6%, a menor proporção na escala. Todavia, em grande parte, esse desempenho deve considerar o fato de que tais imigrantes concluem graduação ou mais em seus países de origem, fixando-se inicialmente na América com vistos temporários (Krogstad e Rogstad 2018). Assim, Kimberly é um caso que se assemelha mais a um ponto fora da curva. Há boa literatura (Agirdag 2013; Menard-Warwick 2009; DuBord 2014) que documenta o infortúnio de trabalhadores imigrantes nos Estados Unidos cuja prioridade no campo da educação é aprender a língua inglesa. Além disso, mesmo quando os imigrantes estabelecidos e recém-imigrados têm graduação completa, 25% deles demonstram “excesso de formação escolar” para as ocupações que exercem, algo comum encontrado nas últimas quatro décadas e que motivou a definição do termo “Over-education”, utilizado para

---

descrever situações como essa, em que a pessoa com educação universitária trabalha em ocupações que requerem somente diploma de ensino médio ou menos (Lu, Hou 2019, 10).

Ao lado disso estão iniciativas coletivas, focadas na valorização humana e financeira do imigrante. *La Colmena*, por exemplo, é um tipo de ONG ligada ao *New Labor*, entidade não sindical localizada em New Jersey que organiza trabalhadores imigrantes em torno de direitos sociais ligados ao trabalho. *New Labor* atua em diversas frentes, especialmente na regulamentação do trabalho doméstico, do emprego e da proteção dos trabalhadores sem documentação. As principais áreas onde se faz presente são New Brunswick (região predominantemente industrial) e Staten Island (New York). Tomam frente com cursos de língua inglesa bastante instrumentais e eventos para reunir os imigrantes de modo a propiciar contatos que resultem em ligações de solidariedade. Como diz Cesar Vargas, um dos idealizadores, é preciso mostrar a importância da identidade de cada um, “orgulho de ser mexicano, mas também de ser americano e, mais importante, de ser *staten islanders*” (Ostapiuk 2019). *La Colmena* não rejeita nem desqualifica a busca de soluções individuais, mas aposta, defende e dissemina alternativas coletivas que só vingam se contarem com apoio de professores, de advogados e de assistentes sociais que, muitas vezes, se formaram em contextos bastante solitários, desacompanhados de alguma solidariedade fora da família.

No livro, a narrativa de Kimberly informa que ela realizou o sonho americano. Não sendo coisa rara, tampouco é frequente. Precisou percorrer um caminho acidentado. No começo, não há nenhum espaço no enredo construído por Jean para que Kimberly e Chang possam respirar e se sentirem aliviadas e acolhidas. O sofrimento é a chave para uma saída que parece única, a aculturação ou, em uma versão mais leve, a assimilação. Não é uma leitura incomum entre imigrantes pobres, como Kimberly e sua mãe. O fracasso financeiro, a subalternização como rotina, a ausência de horizonte, todos vividos na China e deixados como elementos subliminares no livro, fizeram-nas pensar em uma solução que fosse definitiva e que pudessem arcar com o custo cultural de sua escolha, mesmo que para isso assimilar a cultura americana implicasse deixar de serem chinesas. Foi Paula, a tia, quando soube que Yale havia aprovado Kimberly, quem se manifestou em incontinente revelação. Tinha se casado por absoluta conveniência.

A história recente dos imigrantes na América diz que crianças iguais àquelas que trabalharam com Kimberly, embalando roupas, dificilmente ascenderam a boas posições no mercado de trabalho. Em New York, latinos e asiáticos melhor situados geralmente são vistos em *delicatessens*, *food trucks*, pequenos mercados, quitandas e trabalhos domésticos. Matt trabalhou ao lado de Kimberly na fábrica. Era chinês. Diversas vezes fez suas tarefas e as dela para evitar que Kimberly faltasse à escola. A solidariedade trazia juntos carinho e atração que logo se tornaram paixão. Ela teve um filho dele em segredo. Pensou que um casamento ou um compromisso desse

---

tipo retardaria a vida de Matt. Tal como a maioria dos imigrantes, Matt não concluiu o ensino médio, porém, estabilizou-se como efetivo na *United Parcel Service*, uma das maiores empresas de entregas do mundo, e certamente conseguiu o visto permanente. Entretanto, o tipo ideal de trabalhador imigrante na América ainda está abaixo de Matt na escala econômica e social.

Kimberly respondeu bem aos padrões de competitividade americanos. Fez isso de forma tão exemplar que deixou a sua tia transtornada diante de seu sucesso. Nelson, seu filho, nativo americano, sempre comparado a Kimberly, não conseguia mais fazer-lhe páreo depois que a prima passou a dominar a língua inglesa. O dia em que todos souberam que Kimberly fora admitida na escola preparatória *Harrison Prep* com bolsa integral, tia Paula, acreditando que se tratava de uma simples inscrição, desacreditou inteiramente a sobrinha sobre a possibilidade de ser aprovada e de ter dinheiro para pagar as mensalidades: “Nem Nelson foi aceito lá”. A resposta de Kimberly, contudo, não expressava mais a submissão comum aos subalternos chineses salientada repetidamente pela mãe: “Não é um requerimento. É uma carta de aceitação, com uma bolsa de estudos integral”. Aceitação em muitos sentidos.

### Considerações finais

Imigrantes se veem de diversos modos e formas. É possível observar isso em trabalhos acadêmicos, matérias de jornais, mídias sociais, entidades de representação e literatura, tal como os livros de Edwidge Danticat e Jean Kwok, examinados aqui de pontos de vista específicos. Nesse caso, a literatura manejada no interesse da História permitiu encontrar e discutir respostas para as perguntas formuladas no começo desse texto, particularmente saber como a imigração é vivida pelos próprios imigrantes e pelas pessoas deixadas para trás nos países de origem daqueles que emigraram, e como as relações familiares são estruturadas no contexto da imigração. Claro que as respostas são sempre parciais e incompletas, mas são eficientes se rerepresentarem os problemas em outro nível de complexidade, que demonstre avanço e amadurecimento do assunto tratado. Estamos todos atrás disso.

A valorização do sujeito como proposta da História tem a ganhar com a literatura social todas as vezes que o processo histórico se beneficiar de hipóteses que sejam mediadas pela sensibilidade dos protagonistas e do elenco de suporte em uma narrativa. Igualmente é desejável uma prática investigativa que se inicie ou se estenda até os sentimentos de um grupo social, seus sofrimentos, seus dilemas políticos, seus ressentimentos, seus orgulhos, suas escolhas, enfim, tudo o que compõe suas experiências. Se assim for, a literatura provavelmente demonstrará inestimável valor para analisar, aprofundar ou rever relevantes zonas de interesse histórico.

---

De outro modo, dificilmente o estudo sobre o deslocamento humano nos termos de conceitos como o de “fluxo migratório” conseguirá abordar e entender as pessoas que migram como sujeitos na dinâmica da migração. O uso desse conceito é bastante funcional quando se trata de identificar variações em tamanho e intensidade nos deslocamentos demográficos. É incerto que essa diferença esteja na escala, se particular ou geral, mas há que se preverem meios e ferramentas para uma abordagem segura com relação aos imigrantes e às suas histórias. Isso não torna inúteis perspectivas de escalas ampliadas, como a histórica pressão do capital no contexto de práticas imperialistas e de uma economia globalizada que pesa muito na decisão de emigrar. Ao contrário, pobreza, discriminação étnica, opressão e exploração do trabalho formam uma grande parte das experiências vividas pelos trabalhadores imigrantes. O pai e mãe de Edwidge migraram para fugir do Haiti, principalmente devido à violência cotidiana e às precárias condições de trabalho e de vida. As agressões imperialistas sobre o Haiti contribuíram para desorganizar ainda mais o tecido social em lugares como Bel Air e fazer com que ações de milícias prosperassem. Assim, o imperialismo colocou Joseph e sua intervenção religiosa e social na mira de uma gangue, fato que o fez se decidir pelos Estados Unidos. Jean descreve a rotina que ela e sua mãe cumpriam na fábrica quase de forma impressionista devido ao grau de exploração e às condições dadas para o trabalho. É isso que geralmente acontece com imigrantes, a despeito das rotas de fuga elaboradas por Edwidge e Jean.

Por fim, em ambos os livros está posta a questão sobre a arma mais adequada para enfrentar a realidade da imigração. Assimilo a nova cultura, reafirmo meus valores ou, se possível, tento equilibrar estes dois mundos em mim? Para Jean, a mãe poderia se equivocar no uso do inglês e nos costumes americanos, mas nas regras e na disciplina do trabalho os códigos deviam e eram relativamente universais, e Chang aprendeu isso rapidamente. Em contextos como esse não há remissão quando o desencontro é com o trabalho. O pai de Edwidge soube disso. Se cansou de ser empregado e, na condição de taxista, conheceu o céu e o inferno. O estresse e as longas jornadas dentro do carro presumivelmente lhe custaram muitos cigarros consumidos até chegar ao câncer. Novamente, Edwidge e Jean argumentam que suas famílias não passaram ilesas por esse processo. Assimilaram muita coisa, porque a ideia de quem emigra também é essa, mas não perderam contato com sua cultura ou com parte dela. Resta sempre interessante pautar os meios com os quais os imigrantes montam essa complexa equação. Esse segue sendo um ponto importante para os interessados nos estudos sobre diásporas.

---

## Referências bibliográficas<sup>1</sup>

- Agirdag, O. “The long-term effects of bilingualism on children of immigration: Student biliguism and future earnings”. *International Journal of Bilingual Education and Biliguism*, 17, n.3 (2013): 1-16. <https://doi.org/10.1080/13670050.2013.816264>
- Aristóteles. *Aristóteles*. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Vol.II.
- Austen, Veronica. “Empathetic Engagement in Danticat’s *Brother, I’m Dying*”. *Ariel: A Review of International English Literature*, Volume 44, Numbers 2-2, (2013): 29-57. The Johns Hopkins University Press and the University of Calgary, 2014. <https://doi.org/10.1353/ari.2013.0012>
- Bascome, Erik. 2017. “Coalition presents a ‘Bill of Rights’ for Staten Island”. [https://www.silive.com/news/2017/01/local\\_coalition\\_delivers\\_state.html](https://www.silive.com/news/2017/01/local_coalition_delivers_state.html).
- Bennett, Ian B. Danticat, Edwidge. “Brother, I’m Dying”. *Anthurium: A Caribbean Studies Journal*. Volume 6, No.1, (2008): 1-4. <http://scholarlyrepository.miami.edu/anthurium/vol6/iss1/10>. <https://doi.org/10.33596/anth.117>
- Bloch, Marc. *Apologia da História. Ou o Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- Cardo, Amanda. 2011. “Jean Kwok and the Girl in Translation (Part Two)”. <https://www.sampsoniaway.org/literary-voices/2011/05/06/jean-kwok-and-the-girl-in-translation-part-two/>.
- Chan, Shelly. *Diaspora’s Homeland: Modern China in the Age of Global Migration*. Durhan: Duke University Press, 2014.
- Collier, Paul. *Exodus: How Migration Is Changing Our World*. New York: Oxford University, 2013.
- Corbin, H.P. “Guyanese Migration and Remittances to Guyana: a case study of their potentials and challenges for Guyana’s economy”. Tese de Doutorado, Belém, Universidade Federal do Pará. 2012.
- Danticat, Edwidge. *Adeus, Haiti*. Rio de Janeiro: Agir, 2010.
- Danticat, Edwidge. *Brother, I am Dying*. New York: Alfred A. Knopf, 2007.
- DuBord, Elise M. *Language, Immigration and Labor. Negotiating work in the U.S.-Mexico Borderlands*. Londres: Palgrave Macmillan, 2014.
- Goytisolo, Juan. *A Saga dos Marx*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- Jadotte, Evans. 2009. “International migration, remittances and Labour supply: the case of Republica Haiti”. <https://ideas.repec.org/p/unu/wpaper/rp2009-28.html>.
- James, C.L.R. *Os jacobinos negros: Toussaini L’ouverture e a revolução de São Domingos*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- Kowok, Jean. *Garota, Traduzida*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2011.
- Kowok, Jean. *Girl in Translation*. New York: Penguin, 2010.
- Krogstad, J.M, e J. Radford. 2018. “Education levels of U.S. immigrants are on the rise”. <https://www.pewresearch.org/>.

---

<sup>1</sup> Agradecemos a Steven Lawton, presidente do “Communications Workers of America, Local 1102”, departamento local do “Central Labor Council – AFL/CIO”, e professor no Empire State Colege, New York, pela documentação cedida.

---

- Licad, Abigail. 2010. "Interview with 'Girl in Translation' Author Jean Kwok".  
<https://hyphenmagazine.com/blog/2010/8/17/interview-girl-translation-author-jean-kwok>.
- Lu, Yao, e Feng Hou. 2019. "Over-education among University-educated Immigrants in Canada and the United States". <https://www.statcan.gc.ca/eng/start>
- Lukács, Georges. "Arte y verdad objetiva". Em *Problemas del Realismo*, Georg Lukács, 11-54. México – Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1966.
- Menard-Warwick, J. *Gendered identities and immigration networks in American*. Bristol: Multilingual Matters, 2009. <https://doi.org/10.21832/9781847692153>
- McAlister, E. "The Madonna of 115th Street Revisited: Vodou and Haitian Catholicism in the Age of Transnationalism". Em *Gatherings in Diaspora. Religious Communities and the New Immigration*, orgs. Warner, R.S., e WITTNER, J.G. Wittner, 123-160. Philadelphia: Temple University Press, 1998.
- Missing Mediterranean. 2016. "Missing Migrants in the Mediterranean: Addressing the Humanitarian Crisis". <http://www.mediterraneanmissing.eu>.
- O Sul. 2019. O Brasil admite erros durante a missão da ONU no Haiti.  
<http://www.osul.com.br/o-brasil-admite-erros-durante-a-missao-da-onu-no-haiti/>.
- Orozco, Manuel. (2006) Understanding the remittances economy in Haiti. *Inter-American Dialogue*. Paper commissioned by the World Bank.  
<http://archive.thedialogue.org/PublicationFiles/Understanding%20the%20remittance%20economy%20in%20Haiti.pdf>.
- Ostapiuk, Joseph. 2019. "Mexican Independence Day celebration held in Port Richmond".  
<https://www.silive.com/news/2019/09/mexican-independence-day-celebration-held-in-port-richmond.html>.
- Priore, Michael J. *Birds of Passage. Migrant labor and Industrial Societies*. Londres: Cambridge University Press, 1979. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511572210>
- Seguy, Franck. "A catástrofe de janeiro de 2010, a 'Internacional Comunitária' e a recolonização do Haiti". Tese de Doutorado, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2014.
- Rey, T., e A. Stepick. "Refugee Catholicism in Little Haiti: Miami's Notre Dame d'Haiti Catholic Church". Em *Churches and Charity in the Immigrant City. Religion, Immigration, and Civic Engagement in Miami*, orgs. Stepick, A, T. Rey, e S. MAHLER, 72-91. New Brunswick: Rutgers University Press, 2009. <https://doi.org/10.36019/9780813547145>
- Misra, Jivin. "An Interview. Edwidge Danticat". The Brooklyn Review. 2018.  
<http://www.bkreview.org/category/fall-2018/>.
- Thompson, E.P. "Socialist Humanism: An Epistle to the Philistines" Em *The New Reasoner*. London, 1957, nº1, 105-143. [http://banmarchive.org.uk/collections/nr/index\\_frame.htm](http://banmarchive.org.uk/collections/nr/index_frame.htm).
- United Nations. 2019. "The number of international migrants reaches 272 million, continuing an upward trend in all world regions, says UN".  
<https://www.un.org/development/desa/en/news/population/international-migrant-stock-2019.html>.
- World Bank. 2018. "Personal remittances, received (% of GDP)".  
<https://data.worldbank.org/indicator/BX.TRF.PWKR.DT.GD.ZS>

\*\*\*

---

Recebido: 25 de junho de 2020

Aprovado: 20 de agosto de 2020